

*Novos Estudos Humeanos* reúne um conjunto de oito artigos sobre David Hume, antes publicados por João Paulo Monteiro de forma dispersa, em volumes e publicações nacionais e estrangeiros. À excepção de um, trata-se de estudos sobre questões epistemológicas humeanas, o principal interesse de João Paulo Monteiro – que na mesma editora publicara já *Hume e a Epistemologia* (1984), também uma colectânea de artigos.

Nestes *Novos Estudos* Monteiro prossegue assim uma investigação de longa data, cuja principal tarefa tem sido a de revelar na epistemologia de Hume a sua real densidade, a par de uma dimensão actual, procurando desfazer algumas das concepções mais estereotipadas que a recepção tradicional fixou na interpretação do autor. O esforço de João Paulo Monteiro tem incidido nomeadamente sobre uma melhor definição da questão da causalidade, que aqui surge tratada no primeiro ensaio através de uma crítica à ideia, de resto generalizada, de uma alegada concepção associacionista da crença causal. Também o segundo ensaio tem o seu ponto de partida na questão da causalidade, servindo aí de base a um exercício de definição conceptual, particularmente útil no caso de um autor que deliberadamente optou por uma aproximação da filosofia à linguagem vulgar – não sem perder em mal-entendidos de interpretação o que tenha ganho em clareza comunicativa. São os mal-entendidos em torno nos conceitos de “razão”, “hábito” e “costume” que João Paulo Monteiro aqui pretende desfazer, enquanto defende o “princípio de Hume” como sendo “a chave para qualquer compreensão da sua epistemologia como uma filosofia da *racionalidade*”.

No terceiro ensaio trata-se do caso específico da experiência particular, que a primazia da repetição da experiência nos raciocínios causais deixa por norma ignorada. A indução está no centro no sexto ensaio, agora num regime mais analítico, que convoca Popper, Quine e outros teóricos do problema da indução, bem como no do sétimo, onde recebe um tratamento tripartido, que assume o seu carácter essencialmente problemático e prescinde de “soluções” no sentido clássico, encontrando porém repouso nas respostas darwinianas, ensaiadas com o auxílio de Quine. Ainda a propósito da indução é o quinto ensaio, em que se esclarece a Russel que Hume nunca tratou propriamente da indução em termos gerais, ao contrário do que se avança na *História da Filosofia Ocidental*.

Especialmente interessante porque menos frequente é o diálogo entre Hume e Nietzsche promovido no quarto ensaio. É a questão do perspectivismo que aí se debate, concluindo-se que “a crítica nietzschiana da causalidade está em implícita continuidade com as descobertas humeanas de um século antes, sem nada de equivalente a uma recusa do esquema fundamental da causação humeana”. Reconhecidamente o especialista português em David Hume, João Paulo Monteiro – que além das investigações é principal responsável pelo esforço de tradução do filósofo inglês – encerra este volume de 140 páginas com uma análise da filosofia moral de Hume no que toca ao sexo oposto, relativizando acusações de um carácter menos “politicamente correcto” das teorias do autor. Madame de Boufflers concordaria seguramente.